

## **Horizontes hermenêuticos sobre a experiência religiosa**

O que é a experiência religiosa? A complexidade desta questão é muito evidente. Este número da Revista Pensar traz alguns textos que buscam destacar a possibilidade de uma experiência religiosa genuína e identificar as características peculiares que lhe são próprias e que a distinguem de qualquer outra esfera de experiência. Para tanto, analisa-se a realidade daquela experiência de abertura ou de transcendência do espírito humano ao ilimitado, ao indisponível, ao Transcendente que na teologia se chama "Deus", enquanto na filosofia é mais recorrente o termo "Absoluto". No entanto, essa experiência de Deus/Absoluto não precisa ser caracterizada somente pela distância. Ao contrário, sua característica principal está na radical proximidade, ou seja, a transcendência de Deus/Absoluto é diretamente proporcional à sua imanência. Essa inabitação divina, esse dar-se de Deus, que a antropologia teológica chama "Graça", foi tematizado de muitos modos na história da filosofia, e mais concretamente na filosofia da religião, tendo, no entanto, como um ponto de partida recorrente, a experiência de transcendência que o ser humano faz em cada ato de conhecimento. Torna-se, portanto, necessário especificar as relações entre filosofia e teologia, cuja distinção não pode de forma alguma configurar-se como uma oposição em consideração ao enraizamento comum no sujeito que reflete, fazendo filosofia, e que está aberto à ação da graça. Por fim, todo o itinerário percorrido, valendo-se das lúcidas afirmações de K. Rahner sobre a relação entre filosofia e teologia, poderia ser uma pequena e concreta contribuição para mostrar que a filosofia não deve negar-se a si mesma para ser profunda e convictamente cristã.

Apenas algumas experiências humanas podem ser qualificadas como experiências especificamente religiosas: aquelas que fazem referência, em contexto universal, ao Transcendente ou ao Absoluto e, em um contexto propriamente cristão, ao Espírito de Cristo e do Pai.

Em termos muito gerais pode-se dizer que religião é um caminho que pretende conduzir o homem à sua meta última; neste sentido é a dimensão última do homem; por conseguinte, experiência religiosa é a maneira como o fiel percebe, vive e expressa sua relação para com a meta última ou final (seja como for denominada nas diferentes religiões: "salvação", "mundo divino", "vida eterna", "comunhão com Deus", "paraíso", etc.).

Com uma fórmula igualmente geral pode-se considerar que a experiência religiosa cristã é o conjunto das representações (imaginário), das crenças, dos gestos rituais, atitudes e comportamentos com os quais o crente vive e constrói sua relação com o Espírito de Deus, acreditado e aceito como presente e atuante em sua própria vida e ação, e busca dar voz e linguagem a essa experiência. Em suma, é uma experiência de comunhão de fé, esperança e amor com o Deus de Jesus Cristo pelo seu Espírito.

A época cultural atual é marcada por fortes contrastes: por um lado, toda a ressonância religiosa parece se esvaír lentamente em um clima generalizado de indiferentismo; por outro lado, surgem com força sinais claros de novas formas religiosas ou multiplicam-se modos de viver e experiências que parecem abrigar em si as sementes de algo certamente religioso. Torna-se urgente um trabalho cuidadoso de discernimento.

Infelizmente, essa operação educativa não é fácil. Não há consenso entre os adeptos em torno da figura da experiência religiosa. Aqueles que estudam o fato religioso por meio de abordagens socioculturais muitas vezes são tentados a se deter nos aspectos externos e quantificáveis desse fenômeno, induzindo então a indicações mais profundas, que escapam totalmente a ferramentas de análise semelhantes. E aqueles que se aproximam com abordagens filosóficas e teológicas oferecem uma gama variada de interpretações que não são facilmente conciliadas.

Essas anotações se limitam a oferecer um quadro de referência e algumas informações gerais sobre os termos experiência, experiência religiosa, imaginário conectado e a respectiva linguagem.

## **A abordagem teológica da experiência religiosa**

Na história do cristianismo existem pelo menos três caminhos principais que a espiritualidade cristã e a reflexão teológica seguiram na tentativa de falar correta e sensatamente da relação do crente com Deus.

A primeira coloca Deus exclusivamente no "céu" de sua transcendência em relação ao mundo: é o caminho percorrido pela religião entendida como mística e tematizada pela teologia contemplativa; acentua o caráter transcendente da experiência religiosa, vivida principalmente como encontro com a santidade de Deus e como presença do mistério; considera alguns lugares particularmente propícios para a vivência do divino: adoração, recitação de orações, silêncio...; indica algumas etapas que caracterizam o progresso espiritual: conversão, purificação, ascese, mística.

A segunda situa Deus na imanência da história: é o caminho percorrido pela experiência profética da religião e posta em questão pelas teologias da práxis; enfatiza especialmente a dimensão ética da experiência religiosa, vivida como encontro, individual e coletivo, com a bondade e a justiça de Deus que aprova o bem e condena o mal, no indivíduo e na sociedade.

A terceira via acredita que em “Deus”, a sua transcendência (em relação ao mundo) e a sua imanência (no mundo) não são inversamente proporcionais. Deus é Espírito. “Nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28): é o caminho percorrido pela experiência religiosa cristã que busca unir fé vertical e fraternidade horizontal, tensão espiritual e compromisso ético. Este é o caminho seguido pela reflexão teológica que visa estabelecer uma polaridade dialética entre imanência e transcendência, entre história e escatologia, entre política e religião, entre piedade profética e cultural, entre sociedade e espiritualidade.

### **Três visões da relação Deus x Mundo**

Com outros termos, ainda que as consequências não sejam exatamente as mesmas, também se pode dizer que no mundo ocidental a relação Deus-Mundo está caracterizada por três visões: a dualista, a monista e a não-dualista (que R. Panikkar chamo de *advaita* ou *adual*).

Na visão dualista, Deus é o “absolutamente outro”. Sua transcendência é absoluta, seu mistério é total, sua distância é infinita. Como a realidade do mundo em que o ser humano vive não pode ser negada, instaura-se o dualismo: Deus x Mundo, Deus x Homem, divino x profano, celeste x terrestre, Reino de Deus x reino dos homens, etc. Teologicamente, no horizonte bíblico do criado/criação, o mundo/homem é compreendido como totalmente dependente de Deus. A visão dualista reflete o que a primeira via cristã de pensar a relação do crente com Deus acima mencionada. Filosoficamente, no horizonte do homem como subjetividade cognoscente, Deus é pensado como “coisa-em-si”, mas não é objetivamente conhecido. A razão humana só conhece o que ela mesma constitui (conforme nos diz Immanuel Kant).

Na visão monista, tudo é Deus: Deus é o Mesmo. Essa visão é chamada “panteísmo”. Na teologia cristã ela não teve grande relevância, principalmente devido à força da noção bíblica judaico-cristã de *criação*. Alguns vislumbres panteístas encontramos por exemplo em Giordano Bruno e Mestre Eckhart. Na filosofia moderna, Baruch Spinoza é um dos grandes representantes do monismo (“*Deus sive natura*”), que exerceu influências muito significativas nos idealistas alemães. O filósofo Karl Christian Friedrich Krause propôs, em 1828, o termo “panenteísmo”, que logo foi adotado por vários pensadores. Sem identificar Deus com o mundo/universo, a visão panenteísta considera o mundo como mundo-em-Deus. Essa visão de um Deus imanente, presente no universo, presente em todas as coisas sem confundir-se com o universo e com todas as coisas porque os engloba e transcende é uma síntese entre o teísmo e o panteísmo. A noção panenteísta pode fornecer aportes importantes à segunda visão cristã na medida em que alarga a dimensão ética da experiência religiosa.

Na visão adual, Deus não é o Mesmo (monismo/panteísmo), mas também não é o Outro (dualismo). Deus é um polo constitutivo da realidade. Trata-se de uma visão mística que contempla o todo da realidade como relação entre três polos: Deus-Homem-Cosmos, respectivamente polo divino, humano e cósmico em relação e na relação. Um Mundo sem Homem não tem sentido, porque o sentido exige a consciência do Homem no Mundo. Um Homem sem Mundo não poderia existir nem subsistir, e sem Deus não seria verdadeiramente Homem. (Um) Deus sem criaturas deixaria de ser Deus, o Criador. O Homem não pode viver distanciado do Mundo e separado de Deus como ocorre com as visões dualistas ocidentais Deus-Homem e Homem-Mundo. O que aqui é designado por *visão adual* se aproxima da compreensão cristã da *Trindade*. Com efeito, Cristo (o Filho) não é nem somente Deus nem somente homem, nem tampouco metade Deus e metade homem. Nem o monoteísmo, nem o dualismo são compatíveis com a concepção ortodoxa tradicional da Encarnação. Se há um só Deus, a Trindade é supérflua ou um simples modalismo. Se há três Deuses, a Trindade é uma aberração. E se Deus não é nem um e nem três, o que significa, então, a Trindade? Pois significa justamente isso: que Deus não é nem um, nem três, que não se deixa encerrar em número algum. A Trindade não é uma modificação accidental do monoteísmo, nem uma *síntese* (da) dialética surgida do dualismo (tese-antítese). A terceira via cristã acima fala de uma *polaridade dialética*. Fica claro que o acento está no substantivo *polaridade*, e que o adjetivo "dialética" alude à relacionalidade, à não-dualidade.

As reflexões que se seguem procuram fazer um balanço da reflexão atual (num horizonte multidisciplinar) em torno da figura da experiência religiosa, sobretudo para identificar indicadores significativos para poder analisar a situação cultural atual com especial atenção ao universo cristão. À luz das abordagens de nossos discentes, os leitores e leitoras poderão refletir sua própria concepção de experiência religiosa sem reduzi-la ao cristianismo, por um lado, mas também sem deixar de aprofundar a concepção cristã de experiência religiosa que é trinitária, por outro lado.

**Washington Paranhos**

**Cláudia Maria Rocha de Oliveira**

**Luiz Carlos Sureki**